

# Superstição e Alegoria na Pregação

Stuart Olyott

Nossa tarefa é clara: temos de usar os lábios para explicar e proclamar a Palavra de Deus, aplicando-a à consciência e vida das pessoas que nos ouvem. Mas, onde encontramos a Palavra de Deus? Tudo o que Deus tem a dizer aos homens e mulheres foi escrito nas palavras e sentenças que constituem a Bíblia. Essas palavras e sentenças possuem um significado intencional. Portanto, nada — nada mesmo — pode ser mais importante do que conhecer o significado correto. O estudo que revela o significado intencional das palavras e sentenças da Bíblia chama-se exegese. Não haverá um pregador verdadeiro, se tudo o que este disser não estiver fundamentado em *exatidão exegetica*.

Pecamos quando pregamos aquilo que achamos que as Escrituras afirmam, e não pregamos o seu verdadeiro significado. Também pecamos quando pregamos os pensamentos que a Palavra desperta em nosso intelecto e não aquilo que a Palavra realmente declara. Um arauto é um traidor, se não transmite *exatamente* o que o Rei diz. Quem ousará colocar-se diante de uma congregação e proclamar: “Assim diz o Senhor”, afirmando em seguida, no nome do Senhor, aquilo que Ele *não* disse? Precisamos enfatizar novamente: na pregação, não existe nada — nada mesmo — que seja mais importante do que a exatidão exegetica.

## Quando a “exegese” *não* é exegese

Não devemos pensar que todos os pregadores que gastam muitas horas estudando a Bíblia são bons exegetas. Oração, tempo e esforço precisam ser unidos a princípios corretos de interpretação. Muitas pessoas sinceras entendem a Bíblia de modo totalmente errado. Eles se manifestam e levam seus ouvintes ao erro. Isto não pode acontecer.

## 1) Superstição

Por exemplo, algumas pessoas estudam a Bíblia *de maneira supersticiosa*. Em vez de focalizarem o sentido claro das palavras e sentenças das Escrituras, estão sempre procurando significados ocultos. O que está escrito com clareza na Bíblia não comove tais pessoas; porém, se encontrarem algo que as pessoas comuns não podem ver, ficam fortemente impressionadas! Para elas, este é o significado “espiritual” das Escrituras, e o consideram mais importante do que o seu significado evidente.

Entre os que estudam as Escrituras desta maneira, encontram-se aqueles que tributam grande atenção ao valor numérico das letras do hebraico. Quase todo o Antigo Testamento foi escrito em hebraico. Cada letra do alfabeto hebraico serve não apenas como letra, mas também como número. Se você quiser, pode somar os números representados pelas letras de uma palavra, dando a esta um valor numérico. Pode fazer o mesmo com as sentenças. Pode até encontrar outras letras e sentenças com o mesmo valor numérico. Com todos esses números ante os seus olhos e um pouco de imaginação, pode chegar a todo tipo de conclusão. Considere o que você poderá dizer às pessoas depois de um estudo de todas as palavras e sentenças que têm valor numérico igual a *666*.

Outras pessoas não chegam a esse ponto, mas são controladas por essa mentalidade. Se não se mostram interessadas em letras hebraicas, podem ser fascinadas pelo significados dos nomes dos lugares na Bíblia, sobre os quais fundamentam grande parte de seu ensino. Para estes, o importante é o significado que as pessoas comuns não podem ver. “Afinal de contas”, eles argumentam, “1 Coríntios 2.14 não ensina que as coisas espirituais são discernidas espiritualmente?”

O fato de que eles usam este versículo nos mostra como eles são péssimos exegetas! No versículo, Paulo estava falando sobre pessoas não-convertidas. Estava ensinando que tais pessoas não aceitam as coisas espirituais, nem se importam com elas. Pensam que essas coisas são loucura e irrelevantes. Esta é a razão por que não têm qualquer senso espiritual. Para que venha a apreciar as coisas espirituais, uma pessoa tem de experimentar uma mudança de natureza e receber um novo coração.

A Bíblia não ensina que sua mensagem pode ser entendida somente por uma elite espiritual. E, com certeza, também não afirma que seu verdadeiro significado é tal que a maioria das pessoas não pode descobri-lo! Os verdadeiros pregadores da Palavra rejeitam toda exegese supersticiosa.

## 2) Alegoria

Algumas pessoas estudam a Bíblia *alegoricamente*. A maneira de pensar deles possui certas semelhanças com o que acabamos de descrever, mas não é idêntica. Elas estão verdadeiramente interessadas no sentido gramatical da Palavra de Deus, mas crêem que, em adição a este sentido, algo *mais* precisa ser descoberto.

Pessoas têm estudado a Bíblia de maneira alegórica desde os primeiros séculos da igreja cristã. Para entendermos como elas analisam as Escrituras, devemos talvez pensar no famoso livro *O Peregrino*, de John Bunyan. Neste livro, encontramos diversos personagens que passam por aventuras extraordinárias. Os personagens e as aventuras são importantes, porque sem eles o livro não existiria. Mas o que realmente importa não são os detalhes da história, e sim o que John Bunyan está transmitindo, enquanto conta a história. Ele tem verdades a ensinar e lições que precisamos aprender. Estas são as coisas importantes, e não os personagens e as aventuras usadas para transmiti-las.

Os que estudam a Bíblia de maneira alegórica lêem-na de modo semelhante. O significado claro das palavras e sentenças é importante, mas não é tão importante quanto as verdades e lições que estão por trás desse significado. A Bíblia está repleta de significados, e o significado evidente está entre os menos valiosos.

Esse tipo de interpretação leva a fantasias ilimitadas e às mais grosseiras interpretações. O Antigo Testamento, em particular, significa aquilo que o pregador deseja que signifique. Esse tipo de “exegese” aniquila o estudo sério e recompensa a ingenuidade. Pregador torna-se apenas uma demonstração dos poderes inventivos do pregador, enquanto o trabalho árduo exigido pela exegese séria desaparece de cena.

Certa vez, ouvi um sermão baseado em Gênesis 24. Fiquei assentado em meu banco por 75 minutos, sentindo-me totalmente encantado, enquanto o pregador contava a história de como Abraão mandara seu servo de confiança à Mesopotâmia, a fim de encontrar uma esposa para Isaque, seu

filho. O propósito da mensagem era mostrar como Deus Pai traz uma noiva para seu Filho. No sermão, Abraão foi igualado a Deus Pai; Isaque, a Deus Filho; o servo de confiança, ao Espírito Santo; Rebeca, à igreja; e os camelos, às promessas divinas que levam a igreja, guiada pelo Espírito, em segurança ao céu!

Já passaram-se quarenta anos desde que ouvi esse sermão. Ainda posso recordar quase todas as palavras. Foi pregado por um homem a quem eu devo mais do que posso expressar. Ele já está no céu há alguns anos, e não pretendo manchar sua memória, de maneira alguma. Todavia, o seu sermão teria sido totalmente correto, se ele tivesse apenas usado Gênesis 24 como ilustração da doutrina que estava ensinando. Mas não o fez. Ele deu a impressão de que Gênesis 24 foi escrito com *a intenção* de ensinar como Deus traz uma noiva para seu Filho. Contudo, esse não é, de modo algum, o significado tencionado pela passagem. Assim, infelizmente, preciso dizer: um sermão que me deixou fascinado era um péssimo sermão.

A verdadeira pregação exige que descubramos o *significado proposital* da passagem que estamos abordando. Não há lugar para o alegorismo, a menos que digamos às pessoas que o estamos fazendo para ilustrar nosso argumento — e tem de ser um argumento já estabelecido pela exegese correta. Não é proveitoso apelarmos à passagem como Gálatas 4.21-31 para argumentarmos que às vezes a alegoria é permitida. Algumas pessoas também mencionam 1 Coríntios 10.1-3 e Hebreus 7.1-3, para apoiar este ponto de vista. Se considerarmos com atenção estas passagens, perceberemos que não são realmente alegorias, embora pareçam à primeira vista. São exemplos de como o Antigo Testamento pode ser usado como ilustração. Também é interessante observar que nenhuma destas passagens é usada para provar qualquer tipo de doutrina.

É tempo de abandonar o uso de exegese alegórica. Há uma pergunta simples que nos diz quando usamos uma passagem como alegoria ou como ilustração: no estudo desta passagem, o *significado intencional* das palavras e sentenças está em primeiro plano ou oculto no contexto? Se o *significado intencional* não ocupa a posição primária de nossa exegese, a alegoria está espreitando perigosamente em algum lugar — e tem de ser aniquilada imediatamente!

**Fonte:** *Pregação Pura e Simples*, Stuart Olyott, Editora Fiel, p. 29-33.\*

---

\* <http://www.editorafiel.com.br/detalhes.php?id=9103&tipo=2>